

O GRANDE AUSENTE

Nesta peça, que é o momento atual da história da humanidade, está faltando um personagem. E não é um personagem qualquer, mas um dos mais importantes.

Dos dois personagens mais importantes desta peça, apenas um está presente. Trata-se da burguesia. Esta continua, com toda força a representar o seu papel. Ela continua a levar adiante, a ferro e fogo, o seu projeto mesmo que isso comprometa o futuro da humanidade.

O lugar do outro personagem, o proletariado, infelizmente está vazio.

Dizem, até, que ele abandonou definitivamente a cena e que o seu papel teria sido assumido por outros personagens. Entendo que isso não é, de modo nenhum verdade. Tanto do ponto de vista teórico, como do ponto de vista empírico, não há nenhuma prova de que o proletariado tenha desaparecido e de que o seu papel de protagonista fundamental da revolução tenha sido assumido por outros personagens.

Este lugar, o de personagem fundamental na direção do processo revolucionário pertence ao proletariado não por uma definição metafísica, mas por sua posição no processo concreto de produção da riqueza no capitalismo. Por sua posição neste processo é ele, como já afirmavam Marx e Engels no *Manifesto do Partido Comunista*, a única classe efetivamente revolucionária uma vez que somente ela tem uma contradição absolutamente antagônica com o capital.

Não obstante todas as transformações sofridas pelo processo produtivo, especialmente nas últimas décadas, que resultaram em enormes mudanças na classe operária, esta continua a ocupar o lugar de antagonista radical do capital, pois é ela que produz, ao mesmo tempo, a riqueza material, a mais-valia e o capital. Nem sequer do ponto de vista quantitativo existem provas de que a classe operária tenha diminuído de modo muito significativo.

Não obstante ela estar ausente, hoje, como protagonista ativo e consciente, deste lugar, ele lhe pertence por natureza.

A questão, então, é: por que este lugar está vazio? Por que a classe operária está ausente dessa tarefa de conduzir a luta revolucionária contra o capital?

A resposta a essa pergunta é da máxima importância, pois dela dependerá a identificação dos entraves que se opõem a que o proletariado volte a assumir o seu papel de dirigente do processo revolucionário. Todavia, a resposta a essa questão é muito complexa, pois implicaria examinar o processo histórico acontecido desde as primeiras lutas operárias a partir do século XIX. Dada a brevidade desse texto, não poderei mais do que indicar dois elementos que me parecem fundamentais. Embora apresentados separadamente, eles não podem ser considerados de modo isolado, pois fazem parte de um mesmo processo e se determinam mutuamente.

Em primeiro lugar, as transformações ocorridas no processo produtivo, com rebatimentos em todas as outras dimensões sociais. Estas transformações, que resultam sempre das periódicas crises sofridas pelo capital, levaram a mudanças no interior da própria classe trabalhadora. Uma dessas mudanças teve relevância especial. Trata-se da divisão que se estabeleceu entre uma camada de trabalhadores que, durante o período de desenvolvimento que medeia entre uma crise e outra do capital, teve acesso a ganhos mais significativos e, portanto, a um padrão de vida mais elevado. Esta situação colocou esta parcela da classe trabalhadora em oposição à maioria da mesma classe que não teve acesso aos mesmos ganhos. É a famosa “aristocracia operária” de que falava Lenin. Ocupando os postos na maioria das organizações operárias, esta parcela, mais interessada em manter e melhorar os seus ganhos do que em fazer a revolução, imprimiu às lutas da classe operária um caráter fortemente reformista.

Em segundo lugar, e de modo articulado com a primeira questão, a mudança da centralidade do trabalho para a centralidade da política.

Para evitar mal-entendidos, esclareço que, por centralidade do trabalho entendo, de um lado, o fato de que o trabalho, isto é, a transformação da natureza para produzir valores de uso é o fundamento do mundo social. De outro lado, o fato de que, no modo de produção capitalista, a classe operária é o sujeito fundamental – embora não único – da revolução. Por esses dois motivos, uma revolução comunista implica, necessariamente, uma transformação na forma do trabalho que elimine o trabalho assalariado e o substitua pelo trabalho associado.

Por sua vez, por centralidade da política entendo a atribuição ao Estado, que é o núcleo central do poder político, a tarefa de conduzir o processo de superação do capitalismo e de construção de uma sociedade comunista.

Tanto pela via reformista (socialdemocracia) quanto pela via revolucionária (de tipo soviético) a tarefa de conduzir a superação do capitalismo e de construir o comunismo foi atribuída ao Estado. Ambas as vias, por caminhos diferentes – a primeira pela via da reforma e a segunda pela via da coexistência pacífica – imprimiram à luta da classe operária um caráter predominantemente reformista. De um lado, tratava-se de chegar ao comunismo pela via das conquistas parciais e paulatinas, sem, portanto, confrontar direta e radicalmente o capital e o Estado. De outro lado, tratava-se de defender a “pátria do socialismo” - a União Soviética – na crença de que o capitalismo seria vencido pela atração que esse socialismo em construção exerceria nos próprios países capitalistas. Colaboração de classes e não confronto passou, então, a ser o tom das lutas da classe operária.

Deste modo, a classe operária foi perdendo o horizonte revolucionário, deixando de assumir o seu protagonismo como inimiga radical do capital e pautando as suas lutas apenas por melhorias pontuais, que não questionavam a ordem social capitalista.

Nenhuma outra classe, nenhuma outra categoria, nenhum outro movimento social pode ocupar este lugar que pertence, por natureza, à classe operária. As lutas de todos os outros segmentos sociais são, sem dúvida, importantes, mas elas só ganharão um sentido revolucionário na medida em que estiverem norteadas pela luta da classe operária contra o capital e contra o seu mais importante sustentáculo que é o Estado.

Contribuir, hoje, para que a classe operária volte a ocupar o seu lugar de antagonista radical do capital e lidere o processo revolucionário é condição necessária para a resolução dos gravíssimos problemas com os quais se debate a humanidade. Esta é, pois, uma importantíssima tarefa de todos aqueles que estão comprometidos com um futuro digno para a humanidade.

Maceió, abril de 2012

Ivo Tonet